Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Gênesis: Ancestralidade como sobrevivência em Racionais MC'S[1]

Danillo Ribeiro Dos Santos

Palavras-chave: Temporalidade; Ancestralidade; Racionais MC'S.

Corpo do texto.

A obra "Sobrevivendo no Inferno" (1997) do Racionais MC'S é o primeiro registro brasileiro de música *rap* a conquistar premiações popularmente e midiático ao vencer as categorias "Melhor Videoclipe de rap" e "Escolha da audiência" no VMB (Vídeo Music Brasil) da MTV (Music Television) na edição de 1998, a vitória simboliza marcos na cultura *hip-hop*: promoveu o grupo para além das periferias, jogou luz a discussão raciais, especialmente sobre a violência policial contra a população negra das periferias e consolidou o grupo paulistano como nome mais popular e relevante de seu campo de atuação.

"Sobrevivendo no Inferno" possui 12 faixas ao longo de 1 hora e 13 minutos de duração. Na obra, diversos temas e reflexões são perpassadas de modo fabulativo, por crônicas e relatos pelas vozes de Mano Brown, Ice Blue e Edi Rock, assim como perceptível na sonoridade assertiva de *samples*, inserções e instrumentais orientados por KL Jay. Os reconhecimentos da classe artística são muitos, mas não são os únicos, o Racionais MC'S canalizaram em "Sobrevivendo no Inferno" a revolta de sujeitos à margem e entregues à própria sorte, contra a violência, a miséria e o racismo de modo visceral e sem precedentes denunciando o genocídio da juventude negra, a brutalidade

[1] Danillo Ribeiro dos Santos, Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM-ESPM e Doutorando pelo mesmo programa.

Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

policial, o sistema prisional ao mesmo tempo que afirma a força da resistência dessa população apresentando a sobrevivências e suas estratégias para tal como um ato revolucionário e sem juízo moral acerca de suas ações.

Dos aspectos relevantes da obra, neste artigo, nos deteremos especialmente sobre seu aspecto religioso. A religiosidade complexa no disco é retrato da confusa religiosidade presente na periferia, o que é visto nas duas primeiras faixas do disco: "Jorge Da Capadócia" e "Gênesis" (1997).

"Ogunhê" é a palavra que inaugura o álbum na voz de Ice Blue, "Jorge da Capadócia" (1997), é única canção *cover* gravada pelo Racionais MC'S. Apesar da faixa original de Jorge Ben Jor ser gravada em 1975[2], é possível identificar a presença do sagrado na obra assim como a complexa dinâmica pluralista entre Ogum e São Jorge, Iansã e Santa Bárbara e outras divindades assimiladas por candomblecistas, umbandistas e cristãos de modos distintos.

A reverência está na música, no discurso e na simbologia do "Santo Guerreiro". Ogum, que tendo água em casa, lava-se com sangue! Os prazeres de Ogum são o combate e as brigas. O terrível orixá, que morde a si mesmo sem dó! Ogum mata o marido no fogo e a mulher no fogareiro. Ogum mata o ladrão e o proprietário da coisa roubada (Verger, 1997). Vejamos a letra da faixa que se apresenta como um pedido de proteção e em forma de prece, com o louvor, o cântico:

> Para que meus inimigos tenham pés
> E não me alcancem
> Para que meus inimigos tenham olhos
> E não me vejam
> E nem mesmo um pensamento eles possam ter

[2] Além do Racionais MC'S, "Jorge da Capadócia" foi gravada por Caetano Veloso (1975) e Fernanda Abreu (2020), mas em nenhuma outra há a reverência a Ogum: Ogunhê.

Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Para me fazerem mal
Armas de fogo
Meu corpo não alcançarão
Espadas, facas e lanças se quebrem
Sem o meu corpo tocar
Cordas e correntes arrebentem
Sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas

A canção não parece abrir o álbum ou a exposição por acasos, pois antes de todo movimento, seja de entrada ou saída, uns pedem bênção enquanto outros clamam: *agô*. Clamar *agô* é mais que um pedido de proteção de uma vista abençoada, este chamado é marcador dos movimentos com axé de quem não se permite o tremor e busca novas possibilidades.

A voz é instrumento oral de ataque e de defesa, pois se atenta em poucas estrofes como um escudo para se defender, mas ataca com a resistência de um sujeito que não desistirá, a oralidade é o marcador. A oralidade, que por séculos foi silenciada, se transformou em palavra (Kilomba, 2019) e "as palavras têm poder" quando assertiva, pois, a palavra não se limita a ser veiculadora dos sentidos, a palavra é carne, é materializadora da vida, propiciadora dos acontecimentos. Os cumbas são poetas feiticeiros, encantadores de um mundo através do verso (Rufino, 2018).

A palavra é força criadora de saberes e estratégias de sobrevivência, é com ela que o sobrevivente pede proteção na abertura e protesta em “Gênesis” (1997), segunda canção:

Deus fez o mar, às árvore, as criança, o amor
O homem me deu a favela, o crack, a trairagem, as arma, as bebida, as puta

Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Eu? Eu tenho uma bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta Eu tô tentando sobreviver no inferno

A consciência do seu lugar e da sua presença é demonstrada na distinção entre as criações de Deus e as do homem. Mano Brown, como um pregador, um emissário, se manifesta como humano, distante de Deus. Essa distância é evidenciada pela ausência da natureza (mar, árvore, criança e amor) perto de Deus e pela presença das criações do homem (crack, armas e bebidas). Mano Brown, sendo mais um entre os homens, apresenta seus bens: a bíblia, sua ligação com a divindade do bem, e a pistola automática, sua ligação com o homem (ou seria o diabo?). A estrofe termina com o uso do gerúndio, indicando a ação contínua da tentativa.

A sacralidade religiosa é o elo entre a resistência e a emancipação. O orixá Exu, representando a comunicação em suas diversas formas (escrita, som ou gesto), é invocado. Há conceitos, terminologias e referenciais do candomblé, originários dos saberes espirituais africanos, presentes na população brasileira (Martins, 2022). Esses elementos não são apenas de resistência, mas também de emancipação.

Assim, buscamos compreender a comunicação do Racionais MC'S como veículo de mensagens e códigos que auxiliam seus ouvintes a superarem desafios e dificuldades para além dos territórios periféricos, “Sobrevivendo no Inferno” é um álbum sofisticado e complexo a ponto de extrapolar o consumo apenas dos agentes culturais do hip-hop, e por isso percebemos a midiatização como fator relevante neste contexto.

O grupo sofreu retaliações no momento de promoção e divulgação do álbum e por falas, especialmente do líder do grupo, Mano Brown, como a polêmica entrevista para a Folha de São Paulo, em 1998, na qual aponta: O Ronaldinho comprou uma Ferrari de 500 mil dólares, 600 mil dólares. (...) mete um sequestro nele, dá um meio de sumiço nele para ver se ele não para com essa putaria. O que mostrava um caráter midiático que pouco

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

considerava as ações sociais do grupo, e criticava muitas declarações do grupo, que por vezes se contradiziam, assim como o aspecto religioso de sua obra. Por fim, temos por objetivo analisar entrevistas na mídia e sua relação com teorizações sobre ancestralidade e comunicação em “Sobrevivendo no Inferno” de Racionais MC'S.

Referências

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** São Paulo: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar, poética do corpo-tela**. Cobogó, São Paulo, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.